

Cidade moderna e doença: as impressões de Kafka e Machado de Assis

Pascoal Farinaccio¹

O surgimento das grandes cidades modernas ocorrido, grosso modo, entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX marcou e alterou profundamente a vida mental da geração que assistiu a esse processo de reconfiguração, em escalas monumentais, dos cenários urbanos. Georg Simmel, em famoso ensaio precisamente intitulado “A metrópole e a vida mental” (publicado originalmente em 1902 e que influenciou outros importantes pensadores do fenômeno urbano, como Siegfried Kracauer e Walter Benjamin) observa como a emergência das grandes cidades, enquanto experiência vivencial radicalmente nova, significou uma alteração decisiva dos fundamentos da percepção e da vida psicológica amplamente considerada:

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica (SIMMEL, 1973, p. 12; grifo do autor).

A perspectiva reflexiva de Simmel, como também a de Kracauer e a de Benjamin, inauguram um pensamento sobre a metrópole moderna e a própria modernidade com especificidade, envergadura e longevidade notáveis:

Esses teóricos centraram-se no que podemos chamar de uma concepção *neuroológica* da modernidade. Eles afirmam que a modernidade também tem que ser entendida como um registro da experiência subjetiva fundamentalmente distinto, caracterizado pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno (SINGER, 2004, p. 95, grifo do autor).

De fato, como dá a entender a reflexão de Simmel, a “intensificação dos estímulos nervosos” é a experiência por excelência a ser enfrentada por aqueles que

¹ Professor doutor de Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Orcid: 0000-0003-0675-2839. E-mail: pascoalf@hotmail.com

desejam viver e permanecer na cidade grande. Nessa mesma perspectiva, conforme Singer:

A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana (...) o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem (SINGER, 2004, p.96).

Nos termos de Simmel, as impressões “duradouras”, “regulares”, “habituais”, que se processam na mente humana de forma mais ou menos lenta cedem a vez, nas cidades grandes, a uma miríade de impressões velozes e fugazes, que demandam dos habitantes um “maior gasto de consciência” para serem assimiladas e incorporadas à vida psíquica de forma não traumática.

Outro dado relevante acerca desse momento histórico em que se insere as transformações urbanas de grande monta diz respeito ao risco corporal pressuposto na experiência cotidiana na cidade. Singer, no ensaio citado, aborda esse tópico: “observadores sociais das décadas próximas da virada do século fixaram-se na ideia de que a modernidade havia causado um aumento radical na estimulação nervosa e no risco corporal” (SINGER, 2004, p. 98).

Para exemplificar sua argumentação em torno da questão do risco corporal, Singer insere e analisa em seu ensaio ilustrações publicadas na imprensa norte-americana e inglesa entre os anos de 1895 e 1909. Essas ilustrações mostram como nas cidades de Nova York e Londres, por exemplo, os cidadãos estão permanentemente com a vida em risco especialmente por conta da velocidade dos novos meios de transporte como carros e bondes elétricos. Nessa perspectiva, temos representações gráficas de pessoas atropeladas nas ruas pelos carros e pelos bondes, “os novos perigos do ambiente urbano tecnologizado” (SINGER, 2004, p. 103). De especial interesse são as imagens que mostram a colisão entre cavalos e bondes. São obviamente testemunhos desse período histórico em que veículos movidos a tração animal ainda compartilhavam as ruas das cidades com pedestres e veículos a combustão interna ou elétricos; mais que isso, porém, tais imagens são a expressão visceral de um momento histórico de transição entre a vida pré-moderna, mais calma e lenta, e a vida moderna, que tem no ritmo acelerado da cidade grande um de seus pilares básicos.

A colisão entre duas ordens de experiência – pré-moderna e moderna – também figurou em diversas imagens que representaram as colisões reais entre carroças puxadas por cavalos – o meio tradicional de transporte – e seu substituto moderno, o bonde elétrico. Essas figuras comunicavam uma ansiedade com relação à periculosidade da vida na cidade moderna e também simbolizavam os tipos de choques e sobressaltos nervosos aos quais o indivíduo estava sujeito no novo ambiente urbano (SINGER, 2004, p. 102).

Ainda sobre os transportes, Walter Benjamin, entre nós talvez o mais influente pensador da metrópole moderna em sua emergência histórica e da intensificação das impressões e dos choques sensoriais que ela acarreta, cita, em estudo hoje clássico sobre o poeta Charles Baudelaire, uma pesquisa da faculdade de medicina de Erlangen acerca a primeira linha alemã de trem de ferro construída na Baviera. Segundo tal pesquisa, “o movimento rápido gera doenças cerebrais, já a simples visão do veloz trem sibilante pode provocá-las” (BENJAMIN, 1989, p. 201). Aqui dá-se um passo além dos atropelamentos que nas ruas movimentadas colocam sob sério risco corporal os transeuntes: a simples visão da chegada de um trem à estação ferroviária pode causar doenças cerebrais dada sua velocidade incomum. Some-se, enfim, ao espetáculo das novas máquinas de transporte a própria imagem da multidão nas ruas da metrópole. Também sobre ela Walter Benjamin escreveu palavras memoráveis: “a multidão metropolitana despertava medo, repugnância e horror naqueles que a viam pela primeira vez” (BENJAMIN, 1989, p. 124).

Referimo-nos insistentemente ao momento histórico de emergência da grande cidade moderna, período em que, por assim dizer, a vida pré-moderna, fosse ela de ordem rural, semirural, ou relativa à vida nas pequenas cidades, estava ainda fortemente enraizada na memória dos agentes sociais do tempo: dessa forma, a percepção de uma *ruptura histórica*, de uma profunda transformação e remodelação do mundo material pelas forças da tecnologia e do consumismo ascendente na ordem capitalista, era sentida por aqueles que viviam nas grandes cidades com extrema intensidade e de maneira conflituosa. Evidentemente, o fenômeno da urbanização acelerada e das novas formas de convívio social e de trabalho aí engendradas não deixavam de exercer um grande fascínio nas pessoas. A grande cidade era como uma esfinge cujo enigma muitos estavam dispostos a decifrar, não obstante os perigos – como visto até aqui, de adoecimento e mesmo de morte.

Passemos agora às impressões de dois celebrados escritores que viveram esse momento histórico de transformações urbanas marcantes: Franz Kafka (1883-1924) e o nosso Machado de Assis (1839-1908). Como veremos, impressões que guardam profunda

semelhança e compreensão análoga das consequências psicológicas e físicas da vivência empírica do fenômeno metropolitano. Não por acaso, aliás, utilizamos o termo impressões já no título deste trabalho: tratam-se de experiências que efetivamente deixam traços na alma e no corpo – ficam *impressas* nos sujeitos metropolitanos. Começamos com Kafka, mais especificamente, com uma experiência biográfica do escritor tcheco.

Kafka realizou com seus amigos, os irmãos Max e Otto Brod, uma viagem turística a Paris, em 1910. No livro *Kafka vai ao cinema*, Hanns Zischler narra esse episódio de forma muito vívida e tece sobre ele comentários notáveis:

No decorrer de uma viagem em geral fatigante a Paris, em outubro de 1910, Kafka vivenciou a metrópole – há muito admirada a distância – como um teatro grotesco e angustiante de descontextualização, um mundo de cabeça para baixo e incorrigível. Paris desfazia-se em não lugares, entroncamentos, estações de metrô, intensidades puras, geradas pela aceleração mecânica. Kafka, sempre prontamente afetado pela “mais nova tecnologia”, sentiu fisicamente essas turbulências inusitadas. Teve de interromper a viagem por causa de uma furunculose súbita (ZISCHLER, 2005, p. 33).

Que ocorra uma doença a um indivíduo qualquer durante uma viagem, em princípio, não tem nada de especial ou de verdadeiramente incomum. No caso em pauta, entretanto, o inesperado (e fascinante) vem da interpretação que o próprio Kafka deu ao episódio. Ele atribui o surgimento da doença à sua experiência de turista em Paris! De volta a Praga ele consulta um médico e envia uma carta ao amigo e futuro testamenteiro literário Max Brod, que prosseguia em viagem, comentando o episódio:

No mais, o médico declarou-se horrorizado com minha aparência (...) apareceu uma erupção cutânea pior que todos os abscessos, que requer longo tempo para se curar e que produz e produzirá a dor real. Minha ideia, que naturalmente não revelei ao médico, é que essa erupção foi produzida pelas calçadas internacionais de Praga, Nuremberg e especialmente Paris (KAFKA apud ZISCHLER, 2005, p. 35).

Especialmente Paris, pois Praga naturalmente também era uma grande cidade, mas que à altura não poderia se comparar à efervescente Paris, a “capital do século XIX”, na expressão célebre de Walter Benjamin, e logo mais, nas primeiras décadas do século XX, a cidade que como nenhuma outra acolheria as manifestações mais radicais da arte moderna propostas pelas vanguardas históricas. Hanns Zischler, de olho nas indicações de Kafka, estabelece uma conexão entre cidade e doença:

A circulação acelerada, *le commerce des choses*, ameaçava tornar-se uma agonia para o turista, caso ele se expusesse à metrópole de maneira muito irrestrita. Kafka relacionou diretamente sua furunculose com a dor francamente corporal de ser esmagado por Paris. A cidade o exasperava, e ele ficou à sua mercê, tal como o prisioneiro de *Na colônia penal* é submetido à máquina de tortura grafológica que faz inscrições em seu corpo (ZISCHLER, 2005, p. 34-35).

A referência à *Na colônia penal* é desdobrada pelo crítico, reforçando-se a ideia de uma experiência urbana que fica *dolorosamente gravada* na pele do sujeito:

Paris ficou-lhe gravada no corpo. Qual um mártir, Kafka levou a calçada consigo para Praga e, numa transcrição caligráfica, “mostrou” aos amigos que lá haviam permanecido as “suas feridas”, como a impressão e a expressão viva que Paris lhe causara – sua leitura da cidade, por assim dizer. Essas feridas e as ataduras foram sua messe, sua impressão sumamente material da viagem (ZISCHLER, 2005, p. 36).

As erupções cutâneas tornaram-se, na perspectiva kafkiana, uma espécie de *cartão postal* de Paris que se poderia exhibir aos amigos. Uma outra imagem forjada por Zischler dá a medida mais precisa e contundente da impressão de viagem do escritor: “para Kafka, na rememoração, Paris transformou-se no trem que passava – e passava por cima dele” (ZISCHLER, 2005, p. 36). Justamente o trem, máquina de transporte que é praticamente um símbolo do progresso material das nações europeias naqueles princípios de novo século, e que podia meter medo e adoecer pessoas mais sensíveis dadas sua potência e velocidade, como lembrado por Benjamin no estudo sobre a Paris de Baudelaire.

Kafka logrou curar-se da experiência parisiense mediante a rememoração e a transformação do vivido em escrita. A escrita, no caso, parece funcionar como uma espécie de terapia psicanalítica: uma absorção e libertação do trauma pelas palavras adequadas, vale dizer, a escrita como forma de organização da experiência traumática que a converte em matéria cognoscível e assimilável de maneira orgânica pelo sujeito: “o eu flandador de Kafka, guiado pela visão, ironicamente excessivo e insultado, desembarçou-se pela escrita do entorpecimento produzido pelas ataduras e pela calçada (...) foi o traçado da escrita que o libertou do estupor” (ZISCHLER, 2005, p. 36).

Passemos agora ao nosso segundo escritor, Machado de Assis, que foi um atento e admirável observador das transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro de sua época. Cabe dizer, para começar, que Machado nunca se mostrou um observador acrítico ou então um entusiasta da modernização tecnológica da capital federal, como o foi, por exemplo, o escritor e jornalista João do Rio. Nesse sentido, há uma crônica extraordinária de Machado acerca dos bondes elétricos, que foram introduzidos na cidade enquanto os bondes a tração animal continuavam ainda funcionando. Lê-se no início da crônica machadiana publicada em *A Semana* de 16 de outubro de 1892:

Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tração e contá-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Anteontem, porém, indo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar. Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade (ASSIS, 2013, p. 142).

Estamos diante, aqui, mais uma vez da experiência concreta do choque entre o moderno e o pré-moderno no momento fulgurante de emergência da cidade grande, como mostrado anteriormente com o exemplo de Nova York e a colisão entre o cavalo e o bonde elétrico. A versão agora é brasileira e Machado irá desenvolver, ao longo da crônica e a partir de uma fantástica conversa dos burros de seu bonde, a qual o narrador sabe captar e decifrar, uma crítica a um certo desenvolvimento tecnológico que *não abarca* todos os habitantes da cidade. Os burros discutem a hipótese de que ganharão aposentadoria e finalmente bem-estar, com a substituição da tração animal, a que estão submetidos, pela eletricidade. Um dos burros, mais pessimista, argumenta, todavia, que ao invés de aposentadoria eles serão em verdade abandonados à própria sorte e terão enfim a “liberdade” de morrer de fome. Uma linha pertinente de interpretação da crônica nos leva facilmente a uma chave alegórica: os burros representam em verdade os escravos, que após a abolição legal da escravatura são abandonados à miséria e ao desamparo social, sendo obrigados a migrarem para as áreas periféricas e marginalizadas da cidade.

A ironia machadiana, sempre agudíssima no que tange aos disparates de classe da sociedade brasileira, brutalmente desigual, também é de grande interesse na compreensão que nos oferece do sentimento de superioridade que investe todo aquele que tem acesso aos avanços tecnológicos do momento. Uma compreensão de grande valor antropológico e que pode ser estendida aos dias atuais, em que a tecnologia (especialmente aquela ligada aos computadores e à internet) também confere prestígio e poder aos usuários. Basta, entretanto, a chegada de uma pandemia, como a de coronavírus, para que fique claro o quanto há de ilusão nesse “ar de superioridade” que se ostenta perante o mundo – e o que volta é a percepção radical da fragilidade dos corpos humanos, bem como dos limites do conhecimento científico de que dispomos a cada momento histórico.

Nosso maior foco de interesse, para os objetivos deste ensaio, é o conto de Machado de Assis intitulado “Capítulo dos chapéus”, publicado originalmente no livro *Histórias sem data*, de 1884, e que passamos agora a comentar. Trata-se de uma narrativa

breve que oferece aos leitores, por assim dizer, um retrato em “carne vida” da experiência urbana no final do século XIX através da representação de um passeio a pé, realizado pela personagem Mariana, pelo centro do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o conhecimento produzido pelo discurso ficcional *afeta e ilumina* o leitor de maneira diversa que um estudo sociológico ou histórico sobre a formação das grandes cidades.

A trama é simples: Mariana, esposa do bacharel Conrado Seabra, advogado com escritório na Rua da Quitanda, está descontente e chega a discutir com o marido por conta do chapéu inapropriado que ele usa. Parece-lhe evidente que o chapéu não está à altura do cargo de advogado. Por conta da discussão com o marido, que insiste em preservar o chapéu de que gosta, Mariana acabará saindo para espairer, o que resultará no encontro com uma amiga chamada Sofia e, em seguida, em um passeio pelo centro comercial do Rio de Janeiro, onde a personagem viverá um verdadeiro calvário em meio à agitação dos pedestres nas ruas e os apelos do comércio.

Antes do passeio, entretanto, Machado, mestre que é da narrativa breve, oferece-nos algumas indicações do caráter de Mariana que serão muito importantes para a compreensão do que virá depois, isto é, a experiência da personagem nas ruas da cidade. Conforme o narrador, Mariana era afeita aos “hábitos quietos” e à vida doméstica:

Saía às vezes, e a maior parte delas por instâncias do próprio consorte; *mas só estava comodamente em casa*. Móveis, cortinas, ornatos supriam-lhe os filhos; tinha-lhes um amor de mãe; e tal era a concordância da pessoa com o meio, que ela saboreava os trastes na posição ocupada, as cortinas com as dobras de costume, e assim o resto (...) Nem o gabinete do marido escapava às exigências monótonas da mulher, que mantinha sem alteração a desordem dos livros, e até chegava a restaurá-la. *Os hábitos mentais seguiam a mesma uniformidade* (ASSIS, 2004, p. 210, grifos nossos).

As informações sobre o caráter da personagem enfatizam sua aderência psicológica à casa e aos afazeres cotidianos do lar: a uniformidade e a monotonia são as características que conferem plena homogeneidade às atividades diárias de Mariana. A casa é o espaço da felicidade, da bem-estar da personagem, pois ali *tudo está sob seu domínio* e responde às suas vontades. Nada escapa, dentro da casa, ao regime de organização imposto pela moradora. As coisas todas se ajeitam e se acomodam conforme os seus desejos, e dos de ninguém mais. Nada, portanto, nesse microcosmos doméstico rigidamente organizado e controlado pode surpreender desfavoravelmente, assustar ou amedrontar Mariana.

Essa situação de segurança e monotonia caseiras, que tanto bem faz à Mariana, será reduzida a pó durante o passeio pelas ruas mais movimentadas da cidade. Com destaque justamente para a artéria urbana mais agitada entre todas:

Chegaram [Mariana e a amiga Sofia] à rua do Ouvidor. Era pouco mais do meio-dia. Muita gente, andando ou parada, o movimento de costume. Mariana sentiu-se um pouco atordoada, como sempre lhe acontecia. A uniformidade e a placidez que eram o fundo do seu caráter e da sua vida, receberam daquela agitação os repelões de costume. Ela mal podia andar por entre os grupos, menos ainda sabia onde fixasse os olhos, tal era a confusão das gentes, tal era a variedade das lojas (ASSIS, 2004, p. 214).

Conforme avança o dia a situação agrava-se para a personagem: “a rua estava agora mais agitada, as gentes iam e vinham por ambas as calçadas, e complicavam-se no cruzamento das ruas (...) A alma de Mariana sentia-se cada vez mais dilacerada de toda essa confusão de cousas” (ASSIS, 2004, p. 217). O reverso dessa situação doentia é a casa que fora deixada para trás: “e outra vez recordava a casa, tão quieta, com todas as cousas nos seus lugares, metódicas, respeitadas umas com as outras, fazendo-se tudo sem atropelo, e, principalmente, sem mudança imprevista (ASSIS, 2004, p. 217).

Admirável passagem machadiana! A comparação entre cidade e casa lembra muito a reflexão de Simmel citada no início deste ensaio: a cidade como lugar que ativa uma “intensificação dos estímulos nervosos” por conta da agitação das ruas e do comércio, as impressões súbitas, a descontinuidade e velocidade vertiginosa de imagens que se sucedem de forma imprevista; um conjunto todo de fenômenos que altera os fundamentos da vida psíquica. E que pode afetar principalmente àqueles mais sensíveis ou afeitos à vida em compasso mais lento, organizado e previsível, como é o caso de Mariana.

A casa, para a personagem, é o espaço que está totalmente sob seu controle, com todas as coisas pacificadas pela sua força de organização diuturna; a cidade, ao invés, é o lugar que escapa totalmente aos desejos de domínio de Mariana, é um lugar *selvagem*, vale dizer, não domesticado, que impõe de supetão toda ordem de imprevistos à percepção e à consciência. Por conta disso, sentindo-se doente, Mariana busca o remédio que mais lhe convém:

Mariana respirou [...] Levava *a alma doente* dos encontrões, vertiginosa da diversidade de cousas e pessoas. Tinha necessidade de equilíbrio e saúde. A casa estava perto: à medida que ia vendo as outras casas e chácaras próximas, Mariana sentia-se restituída a si mesma (ASSIS, 2004, p. 219, grifo nosso).

Exatamente como Franz Kafka, que atribui às ruas movimentadas e ao comércio efervescente de Paris a irrupção de dolorosa furunculose em seu corpo, Mariana, personagem ficcional, também adoece, se não no corpo, na alma. Afeita à ordem da vida doméstica, apreende a rua do Ouvidor como um tumulto - um caos de pessoas e mercadorias - que lhe disturba a alma.

Trata-se de criação genial de Machado, de grande valor literário, e também histórico: seguindo o passeio de Mariana pelo centro do Rio, identificados com suas características psicológicas apontadas pelo narrador logo no início do conto, somos levados a perceber e em alguma medida *viver* os sentimentos daqueles agentes sociais que assistiram ao surgimento das grandes cidades, um acontecimento histórico que significou uma transição radical em relação à experiência rural e à cidade pequena, não deixando de imprimir seu corte também no que tange à vivência tradicional doméstica.

O conto, como informado, vem à luz em 1884. Machado de Assis, entretanto, tendo falecido em 1908, chegou a testemunhar transformações urbanas muito mais arrojadas, as quais se iniciaram em 1903 na gestão do prefeito Pereira Passos. Ubiratan Machado, em artigo intitulado “O Rio de Machado de Assis”, dá notícia desse momento de remodelação em grande escala da cidade:

A grande transformação se deu no início do século XX, quando o prefeito Pereira Passos – com um plano urbanístico na cabeça e pás e picaretas nas mãos dos operários – remodelou a velha cidade portuguesa, dela surgindo uma *urbe* moderna, afrancesada, em estilo *art nouveau* (MACHADO, 2007, p. 27).

Vale aqui registrar a frequência de Machado à rua do Ouvidor, precisamente aquela que ele transformou em um martírio para sua pacata personagem:

Antes do jantar, sempre havia tempo para dar uma chegada à rua do Ouvidor. “Ali se fazem planos políticos e candidaturas eleitorais; ali correm as notícias; ali se discutem as grandes e pequenas causas; o artigo de fundo dá braço à mofina e o anúncio vive em santa paz com o folhetim”. Nessa grande passarela, “espécie de loja única, variada, estreita e comprida”, “gazeta viva” da cidade, os homens iam conversar e paquerar, as mulheres fazer compras e se exhibir. Com seu comércio requintado, casas de chá, lojas de moda, joalherias, era “a via dolorosa dos maridos pobres”, que procuravam chegar logo ao largo de São Francisco” (MACHADO, 2007, p. 34).

Na rua do Ouvidor reproduzia-se, guardadas as devidas proporções, o mesmo que se dava no *West End* londrino no início do século XX, que se apresentava cada vez mais como um lugar sedutor, voltado para as compras – inaugurando-se então uma “nova era das compras”, que vinculava de forma inextricável consumismo e prazer - e de grande apelo calculado para atrair o público feminino:

O prazer de fazer compras no *West End* permanecia limitado a áreas específicas e circunscrito por restrições políticas, econômicas e sociais à participação total das mulheres na vida pública. No entanto, novas imagens de feminilidade que sublinharam a centralidade das mulheres na vida urbana eram compatíveis com o desenvolvimento e o sucesso da cultura de consumo de massa na Inglaterra no início do século XX. Definições de público e privado e de masculino e de feminino foram necessariamente renegociadas à medida que as mulheres literal e metaforicamente cercaram o *West End*, ocupando uma posição central na vida econômica e cultural da cidade (RAPPAPORT, 2004, p. 178).

Não é o caso, aqui, de discutir a participação ativa das mulheres na cidade moderna e nas novas possibilidades de consumo, o que ultrapassaria em muito os objetivos deste ensaio. Cabe observar de passagem, entretanto, que Machado de Assis debruça-se também sobre essa questão em seu conto. Ele o faz através dos contrastes de personalidades de Mariana e Sofia. Se Mariana sofre em meio à agitação de pessoas e do comércio na rua do Ouvidor, a ponto de sentir-se doente, nota-se que a amiga Sofia está plenamente à vontade naquele lugar. “Honestas, mas namoradeiras”, como a descreve o narrador, é de Sofia que parte o convite para que ambas passem pelo centro do Rio, e o argumento para motivar Mariana é o de verem as mercadorias expostas: “propondo à amiga que fosse passear, ver as lojas, contemplar a vista de outros chapéus bonitos e graves. Mariana aceitou” (ASSIS, 2004, p. 213).

Um dado interessante, e com o qual finalizamos nosso próprio percurso, é que Machado de Assis, já ao fim de sua vida, não se identificava com a cidade do Rio de Janeiro criada por Pereira Passos. Em carta desse período endereçada ao amigo Oliveira Lima, que se encontrava então no exterior, o grande escritor carioca diz de seu sentimento de “desterro”:

Venha ver o Rio em suas galas novas. Custar-lhe-á a reconhecê-lo. É uma metamorfose de surpreender, mesmo a quem, como eu, viu sair a borboleta (...) Mudaram-me a cidade, ou mudaram-me para outra. Vou deste mundo, mas já não vou da colônia em que nasci e envelheci, e sim de outra parte para onde me desterraram (ASSIS apud MACHADO, 2007, p. 27).

Referências

- ASSIS, Machado de. “Capítulo dos chapéus”, in *Os melhores contos de Machado de Assis*. Seleção de Domício Proença Filho. São Paulo, Global, 2004.
- ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- MACHADO, Ubiratan. “O Rio de Machado de Assis”, in *Três vezes Machado de Assis*. São Paulo, Ateliê Editorial; São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2007.

RAPPAPORT, D. Erika. “‘Uma nova era de compras’: a promoção do prazer feminino no *West End* londrino, 1909-1914”, in *O cinema e a invenção da vida moderna*. Organização Leo Charney e Vanessa R. Schwartz; tradução Regina Thompson. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”, in *O fenômeno urbano*. Organização e introdução de Otávio Guilherme Velho; tradução Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”, in *O cinema e a invenção da vida moderna*. Organização Leo Charney e Vanessa R. Schwartz; tradução Regina Thompson. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

ZISCHLER, Hanns. *Kafka vai ao cinema*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

Recebido em 29 de janeiro de 2022.

Aprovado em 12 de novembro de 2022.

Resumo/Abstract

Cidade moderna e doença: as impressões de Kafka e Machado de Assis

Pascoal Farinaccio

Este artigo busca apontar e interpretar as impressões da cidade moderna, em seu momento de emergência entre o final do século XIX e o início do século XX, dos escritores Franz Kafka e Machado de Assis. No caso de Kafka aborda-se aqui uma viagem turística a Paris realizada em 1910 e no de Machado o seu conto “Capítulo dos Chapéus”, publicado em 1884. Demonstra-se como, em ambos os casos, os escritores estabelecem uma relação entre a experiência metropolitana e o surgimento de doenças no corpo e na alma.

Palavras-chave: Franz Kafka, Machado de Assis, cidade moderna, doença.

Modern City and Illnesses: Kafka’s and Machado de Assis’s impressions

Pascoal Farinaccio

This article seeks to point out and interpret the impressions of the modern city, in its moment of emergence between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, by the writers Franz Kafka and Machado de Assis. In the case of Kafka, a tourist trip to Paris in 1910 is discussed here, and in Machado's his short story *Capítulo dos Chapéus*, published in 1884. It demonstrates how, in both cases, writers establish a relationship between the metropolitan experience and the emergence of illnesses in the body and soul.

Keywords: Franz Kafka, Machado de Assis, modern city, illnesses